

FESTAS DE MIGRANTES

Arouquenses no Rio de Janeiro, açorianos na capital paulista, romeiros de Goiás, gaúchos em Minas Gerais, karipunas do Amapá, descendentes de italianos em São Paulo e de alemães em Blumenau - que laços poderiam existir entre personagens e cenários tão dispares? Para estar numa revista como *Travessia* no mínimo devem ser migrantes.

E são, em maior ou menor escala: uns, no sentido pleno e técnico do termo, na medida em que se deslocaram de seu ponto de origem em busca de outra inserção, o que implica profundas mudanças nos planos do trabalho, da moradia, das relações, da cultura. Para outros, o deslocamento é apenas sazonal ou até mesmo ritual, por ocasião de uma data particular, quando deixam suas casas em direção a algum centro de peregrinação, culto e festa.

Festa: é disto mesmo que trata o número 31 da revista. Todos festejam: uns, para lembrar antigos costumes, agora deslocados no novo ambiente: outros celebram justamente as atuais condições; outros, ainda, reinventam tradições que apenas evocam costumes de seus maiores.

*Os processos migratórios, como os sucessivos números de *Travessia* vêm mostrando, ao longo de seus dez anos de atividade, constituem fenômeno complexo, não redutível a este ou aquele aspecto - econômico, social, ou outro - por mais determinante que possa parecer. Multifacetado, envolve um tipo especial de experiência humana em que a celebração ritualizada e periódica entra como parte constitutiva.*

A festa realiza e sintetiza, no plano do simbólico, situações e aspectos já existentes no cotidiano mas que, por encontrarem-se diluídos no fluxo da vida diária, perdem seu poder evocativo. Assim, de tempos em tempos, é preciso recontar as mesmas velhas histórias, repetir certos gestos, rir ou chorar, prometer ou agradecer, de forma singela ou solene, mas sempre pública. É o que os migrantes fazem em suas festas e o que este número da revista procura, em parte, mostrar.

José Guilherme Cantor Magnani